

UMA ANÁLISE QUANTITATIVA DE RASURAS LIGADAS À SEGMENTAÇÃO EM ENUNCIADOS PRODUZIDOS NO ENSINO FUNDAMENTAL

por Cristiane Carneiro Capristano* (UEM)** e Tatiane Henrique Sousa Machado (Unipar)

RESUMO

Neste artigo, investigam-se rasuras ligadas à segmentação de palavras encontradas em enunciados escritos produzidos por crianças ao longo de quatro anos do Ensino Fundamental I. Essas rasuras são interpretadas como pistas de conflitos vividos pelas crianças na aquisição da escrita para identificar as fronteiras da palavra (orto)gráfica. O objetivo foi examinar se existiriam diferenças na quantidade de rasuras – e, portanto, de conflitos – ao longo dos anos pesquisados, considerando as variáveis: ano, quantidade de enunciados e quantidade de palavra. Foram analisadas 364 rasuras identificadas em corpus constituído por 1699 enunciados escritos

PALAVRAS-CHAVE: oralidade; letramento; escrita; rasura; segmentação gráfica.

ABSTRACT

The aim of this article is to investigate erasures connected to segmentation of words found in enunciations written by children in a four-year period of Elementary School. These erasures are interpreted as traces of conflicts experienced by children during writing acquisition in order to identify the borders of (ortho) graphic words. The main objective was to examine if there would be any difference in the amount of erasures – and, therefore, of conflicts – throughout the researched years considering the following variables: year, text amount and word amount. Three hundred and sixty-four (364) erasures were identified in a corpus of a thousand, six hundred, ninety-nine (1,699) written enunciations.

KEYWORDS: orality; literacy; erasure; graphic segmentation.

*capristano1@yahoo.com.br

** Universidade Estadual de Maringá

INTRODUÇÃO

Pode-se dizer que o interesse dos linguistas brasileiros pela rasura, em particular linguistas dedicados à compreensão da aquisição da linguagem, é recente. No Brasil, a rasura tornou-se objeto de investigação especialmente em estudos desenvolvidos na década de 90, como os de Abaurre (1994), Abaurre et. al. (1995), Abaurre et. al. (1997), Calil (1997, 1998 e 1999) e Mayrink-Sabinson (1997). De lá para cá, outros estudos têm buscado entender o papel da rasura na aquisição da linguagem – ou, mais especificamente, na aquisição da escrita – e descrever seu funcionamento, como os de Calil (2004, 2007, 2012), Calil e Felipeto (2000, 2001, 2008), Capristano (2007, 2010, 2013), Capristano e Chacon (2014), Felipeto (2008a, 2008b), Fiad (2013), Fiad e Barros (2003), Serra (2007) e Serra, Tenani e Chacon (2006)¹.

Dentre esses estudos, existem alguns poucos dedicados à análise exclusiva de rasuras diretamente ligadas à segmentação de palavras, ou seja, rasuras correspondentes a momentos em que as crianças, por exemplo, apagam ou riscam seus enunciados escritos, sinalizando alguma preocupação com a distribuição de espaços em branco que, na escrita, têm como função precípua estabelecer as fronteiras da palavra (orto)gráfica. Trata-se dos estudos de Capristano (2007, 2010, 2013), Capristano e Chacon (2014), Serra (2007) e Serra, Tenani e Chacon (2006).

Esses estudos têm um ponto de partida comum, uma vez que, neles, as rasuras são consideradas indícios importantes da complexa e multifacetada relação sujeito/linguagem e, também, resultado da circulação do escrevente por práticas letradas e orais; logo, na perspectiva assumida por esses estudos, manariam da constituição heterogênea da escrita (cf. Corrêa, 2001, 2004)². As rasuras seriam, também, como consequência dessas postulações, pistas de conflitos possivelmente vividos pelos sujeitos na aquisição da escrita para identificar as fronteiras da palavra (orto)gráfica, conflitos nascidos da inserção e da circulação desses sujeitos por práticas sócio-históricas³.

Seguindo a trilha aberta por esses estudos, neste artigo, apresenta-se e discute-se parte dos resultados encontrados em pesquisa na qual foram analisadas também rasuras ligadas à segmentação de palavras⁴. Para a análise dessas rasuras, assumiu-se a perspectiva teórico-metodológica proposta por Capristano (em especial, 2013) e Capristano e Chacon (2014), na qual as rasuras são compreendidas como pistas do conflito e, também, da negociação da criança com *outros* “*outros modos de segmentar, outras letras, outros dizeres, outros registros, outros significantes, outros interlocutores...*” (Capristano, 2013, p.676, grifo da autora) que permitem sua constituição como escrevente.

1. Nesses estudos, é possível observar uma série de diferenças e divergências no modo como as rasuras são interpretadas do ponto de vista teórico, que se mostram já no modo como elas são nomeadas: ora como *rasuras* mesmo, ora como *marcas de refacção, reelaborações, reformulações, marcas de correção* etc. Em razão dos objetivos e dos limites deste artigo, não serão exploradas essas diferenças e divergências.

2. Esses trabalhos partilham da concepção de escrita como formulada em Corrêa (2001, 2004). Para ele, os produtos da fala e da escrita são frutos do encontro das práticas orais/faladas e letradas/escritas fato que permite ressaltar que a presença da fala na escrita não pode ser considerada uma interferência, nem mesmo uma relação entre duas tecnologias, mas sim um encontro resultante do trânsito do escrevente por práticas sociais, orais/faladas e letradas/escritas.

3. Essas ponderações não esgotam, de forma alguma, o que esses trabalhos têm em comum e, mais ainda, deixam de lado as diferenças que uma apresentação mais minuciosa deles poderia mostrar. Foge ao escopo deste artigo, no entanto, uma exposição mais detalhada desses trabalhos. Nesse parágrafo, tão somente pretendeu-se dar algumas informações que são consideradas essenciais para a compreensão, mesmo que superficial, do diálogo entre esses trabalhos.

4. Trata-se da dissertação “Rasuras ligadas à segmentação de palavras na escrita infantil”, defendida em maio de 2014 no Mestrado em Letras (área de concentração em Estudos Linguísticos), da Universidade Estadual de Maringá – UEM.

A rasura não é, pois, considerada índice de conhecimento de um escrevente atento e plenamente consciente que, no momento da rasura, pretende evitar falhas na produção de seus enunciados, mas, sim, de um sujeito que, imerso no funcionamento linguístico, reconhece, muitas vezes inconscientemente, uma discrepância entre o que escreveu e “o que deveria escrever”, mesmo que “o que deveria escrever” não corresponda exatamente ao esperado pelas convenções ortográficas⁵. As rasuras caracterizam-se, assim, como momentos nos quais “o sujeito escrevente deixa de ocupar a posição de (ou deixa de figurar como) ‘utilizador’ de estruturas da sua língua e passa, momentaneamente, a ocupar o lugar de ‘observador’ dessas estruturas”. (Capristano, Chacon, 2014, p.203).

No quadro teórico que norteia a pesquisa apresentada neste artigo, entende-se que, por serem pistas de conflito e de negociação, as rasuras mostram, sempre, um sujeito dividido entre pelos menos *duas* possibilidades de segmentação divergentes, ou seja, são ocasiões em que o escrevente se vê diante de pelo menos dois itinerários para estabelecer limites gráficos, itinerários que, como adiantado, emergem da inserção e da circulação dos escreventes por práticas sócio-históricas, orais e letradas. Para dar contornos mais precisos a esse funcionamento, observem-se os exemplos a seguir:

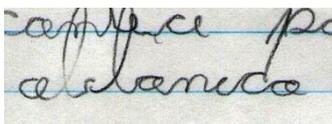


Figura 1: O boneco

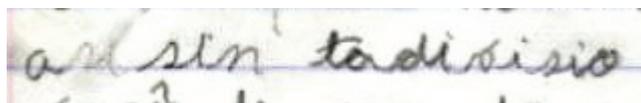


Figura 2: Assim tá difícil

Na Figura 1, no primeiro itinerário que se abre para o escrevente, “o” e “boneco” parecem ter sido concebidos como uma unidade, suposição feita fundada nas sombras deixadas pelo apagamento mal sucedido do desenho inicial da letra “b”, amalgamada ao artigo “o” (“ob[oneco]”). No segundo itinerário, o escrevente se vê diante da possibilidade de existência de duas unidades, “o” e “boneco”, possibilidade mostrada pelo apagamento do desenho inicial da letra “b”, pelo registro completo da palavra “boneco” e pela imposição de uma distância gráfica entre “o” e “boneco”.

Muito provavelmente, o primeiro itinerário resulta da inserção e da circulação do escrevente por práticas orais. São essas práticas que levam o escrevente a não reconhecer a autonomia gráfica de “o” e “boneco” e considerar a dependência fonológica entre elas. Sabe-se que o artigo “o”, do ponto de vista fonológico, é um clítico (monossílabo não acentuado) que depende prosodicamente do substantivo que o acompanha – nesse exemplo, o substantivo “boneco”. Essa dependência é o que permite ao escrevente entender o clítico “o” como uma sílaba pretônica de “boneco” e insinuar o registro hi-possegmentado de “ob[oneco]”. O segundo itinerário, por sua vez, emerge justamente da inserção e

5. Capristano (2013) mostra diversas rasuras que ocorrem onde não se fariam necessárias. No corpus desta pesquisa, também foram encontradas várias rasuras com esse funcionamento.

da circulação do escrevente por práticas letradas. São elas que autorizam o escrevente a esquecer a relação prosódica entre “o” e “boneco” e deixar mostrada a autonomia gráfica dessas duas unidades.

Na Figura 2, por sua vez, no primeiro itinerário que se abre para o escrevente, a palavra “assim” seria registrada de acordo com o previsto pelas convenções ortográficas, fato que pode ser observado pelas sombras deixadas pelo apagamento mal sucedido da sílaba “si”, amalgamada à sílaba “a”. No segundo itinerário, o escrevente se vê diante da possibilidade de existência de duas unidades, “a” e “sin”, possibilidade mostrada pelo apagamento da sílaba “si”, pelo registro da sílaba “sin” e pela imposição de uma distância gráfica entre “a” e “sin”.

Diferentemente do exemplo anterior, neste, os dois itinerários que se abrem para o escrevente resultam da inserção e da circulação dele por práticas letradas. Nesses itinerários, parece estar em jogo, sobretudo, a possibilidade real de autonomia gráfica de “assim”, “a” e “sin”, estas últimas graças à relação homonímica que mantêm com as palavras “a” (artigo, feminino, singular) e “sim” (advérbio).

As duas rasuras apresentadas são, assim, pistas de que, na produção de seus enunciados, eventualmente, os escreventes se veem em conflito por estarem diante de pelo menos duas formas de estabelecer limites por meio de espaços em branco, ou, dito de outro modo, diante de duas possibilidades de responder aos ditames das convenções ortográficas para delimitar a palavra (orto)gráfica. A resolução desse conflito e a possibilidade de resposta a esse *outro* que os constituem emergem sempre da circulação desses escreventes por informações presentes nas diferentes práticas sócio-históricas das quais são partícipes.

A partir desse escopo teórico e desse modo de olhar para as rasuras ligadas à segmentação, neste estudo, objetivou-se examinar se existem diferenças na quantidade de rasuras – e, portanto, também na quantidade de conflitos – nos enunciados produzidos por diferentes crianças ao longo de quatro anos do Ensino Fundamental I, considerando as variáveis: ano, quantidade de enunciados e quantidade de palavra. Com esse mapeamento, pretendeu-se verificar em quais períodos do processo de escolarização das crianças os conflitos sobre como segmentar aparecem com maior recorrência e, nessa direção, verificar em que medida a inserção das crianças em práticas letradas institucionalizadas pela escola tem efeito para os conflitos sobre como segmentar.

1. MATERIAL E METODOLOGIA

2.1 Material

O corpus desta investigação é formado por enunciados escritos que fazem parte de um banco de produções textuais que foi coletado por integrantes do Grupo de *Pesquisa Estudos sobre a linguagem* (CNPq), que subsidia atualmente também pesquisas do Grupo de Pesquisas *Estudos sobre a escrita* (CNPq). Esses enunciados foram coletados no período de abril de 2001 a dezembro de 2004, objetivando organizar dados de escrita de crianças em processo de escolarização que permitissem pesquisas de caráter longitudinal. Para a composição desse banco, foram acompanhadas as mesmas turmas das

antigas primeira à quarta série do Ensino Fundamental I, em duas escolas da rede municipal de ensino da cidade de São José do Rio Preto (SP).

Nessa investigação, optou-se por examinar os dados de apenas uma dessas escolas. Nessa escola, ao longo do primeiro ano de coleta, período em que os escreventes estavam no segundo ano (antiga 1ª série), foram coletados 451 enunciados escritos, elaborados por 40 alunos com base em 14 diferentes propostas de produção escrita. No segundo ano de coleta, no qual os estudantes frequentavam o terceiro ano (antiga 2ª série), foram coletados 471 enunciados elaborados por 46 alunos a partir de 15 diferentes propostas de produção escrita. Já no terceiro ano de coleta, em que os escreventes frequentavam o quarto ano (antiga 3ª série), foram recolhidos 359 enunciados escritos feitos por 34 alunos a partir de 12 diferentes propostas de produção escrita. Por fim, no último ano de coleta, quando os escreventes estavam no quinto ano (antiga 4ª série), foram coletados 421 enunciados escritos feitos por 38 alunos a partir de 14 propostas de produção textual diferentes. No quadro abaixo, são sintetizadas essas informações:

Ano da coleta	Quantidade de propostas	Quantidade de alunos	Quantidade de enunciados
2º ano (2001)	14	40	451
3º ano (2002)	15	46	471
4º ano (2003)	12	34	359
5º ano (2004)	14	38	421
Total	55	158	1702

Quadro 1: Síntese da quantidade de propostas de produção textual, de alunos e de enunciados

Como é possível observar, o *corpus* desta investigação – inicialmente constituído de 1.702 enunciados escritos, elaborados por 158 alunos, a partir de 55 diferentes propostas de produção escrita – não era homogêneo, ou seja, não tinha a mesma quantidade de enunciados escritos, de alunos e de propostas ao longo dos anos de coleta. Essa não homogeneidade obrigou a tomada de algumas decisões metodológicas importantes que serão apresentadas mais adiante.

2.2 Procedimentos metodológicos

De posse do corpus, o primeiro passo foi a identificação e o mapeamento, nos 1702 enunciados escritos, das rasuras ligadas à segmentação. Durante esta tarefa, utilizou-se uma lupa de leitura (LL-975, com aumento 2X, com luz). O corpus foi examinado três vezes por duas pessoas diferentes para que fosse possível, de fato, confirmar a identificação das rasuras ligadas à segmentação.

Para examinar se existiriam diferenças na quantidade de rasuras – e, portanto, de conflitos – ao longo dos anos pesquisados, considerando as variáveis ano, quantidade de enunciados e quantidade de palavra, foi necessário realizar a contagem da quantidade de palavras em cada um dos 1.702 enunciados escritos que constituíram o corpus.

Para isso, inicialmente, foi atribuída uma leitura aos enunciados. Na sequência, procedeu-se à contagem das palavras, considerando como palavras: (a) todas as palavras de conteúdo e todas as palavras gramaticais; (b) os números, quando registrados por extenso; (c) as interjeições e onomatopéias; (d) os nomes próprios. As palavras compostas com hífen foram contadas separadamente (por exemplo, considerou-se que *guarda-chuva* corresponderia a duas palavras) e as abreviações foram contadas como uma palavra (CEP, por exemplo, equivaleria a uma palavra).

As palavras registradas de forma incompleta – por exemplo, *mena* para *menina* – foram consideradas na contagem. Os casos de hipossegmentação, como “*acasamarela*”, foram contados levando em consideração as convenções ortográficas (nesse exemplo, três palavras). O mesmo foi feito para os casos de hipersegmentação: “*em trar*” foi considerada uma palavra. Após a contagem, chegou-se a um total de 108.418 palavras.

1.3 Dificuldades metodológicas

Como adiantado, no decurso da pesquisa, foi necessário tomar algumas decisões metodológicas dada a natureza do material pesquisado. Uma primeira decisão refere-se à exclusão de três enunciados escritos em que os escreventes não registraram nada ou apenas o seu nome. O *corpus*, então, passou a ser constituído por 1.699 enunciados escritos.

Outra decisão metodológica liga-se à atribuição de leitura aos enunciados que constituem o corpus desta pesquisa. Dentre os 1699 enunciados selecionados, havia alguns nos quais apenas era possível atribuir sentidos ao nome e ao cabeçalho registrados pelo escrevente, como exemplificado na Figura 3.

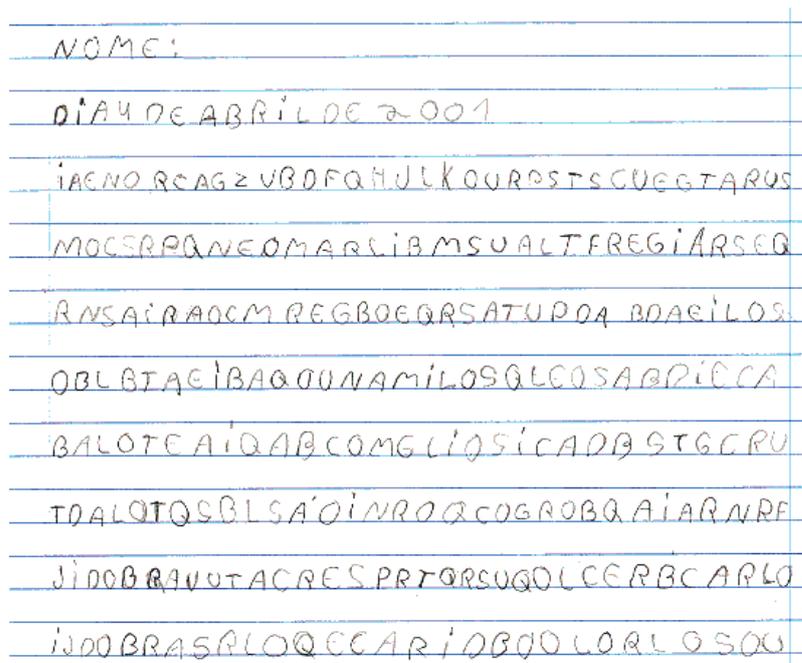


Figura 3: Enunciado com agrupamento de letras

O escrevente agrupa de modo aparentemente aleatório as letras que compõem o seu enunciado. Essa distribuição não permite ao pesquisador atribuir uma leitura a totalidade desse enunciado, nem mesmo estabelecer parâmetros sobre o espaçamento entre “palavras”. Observando o enunciado, pode-se perceber que o escrevente possui uma “ideia de escrita”; no entanto, parece desconhecer, em alguns momentos, a existência de uma ordem de colocação e de significação dos sinais usados nessa escrita (Cf. Cagliari, 2002, p. 121). Enunciados como esses foram considerados para pesquisa, uma vez que foi possível identificar, já no cabeçalho de alguns deles, rasuras ligadas à segmentação. A identificação das rasuras e a contagem de palavras, no entanto, incidiu exclusivamente nos trechos para os quais era possível atribuir alguma leitura.

Uma última dificuldade metodológica encontrada refere-se a não homogeneidade do corpus em razão de duas características: (a) a inconstância na quantidade de alunos, que provocou diversidade na quantidade de enunciados produzidos a cada ano; e (b) a variabilidade na quantidade de palavras nos enunciados produzidos por cada um dos alunos.

Com relação à (a), como o período de coleta foi longo (quatro anos), em algumas situações, alguns escreventes faltaram nos dias de coleta, outros foram transferidos da escola, deixando de estudar nas turmas avaliadas, e outros ingressaram no decorrer do processo de coleta. Essas particularidades do cotidiano escolar levaram a construção de um corpus heterogêneo do ponto de vista da quantidade de enunciados coletados por ano. Partindo da pressuposição de que quanto maior o número de enunciados produzidos por ano, maior a probabilidade de emergirem rasuras em segmentação, essa variabilidade na quantidade de enunciados poderia levar a um resultado tendencioso, ou seja, os anos de coletas com maior número de enunciados, provavelmente, teriam mais rasuras; logo, a variável envolvida não seria ano, mas, sim, a quantidade de enunciados.

No tocante à dificuldade metodológica exposta em (b), cabe ressaltar que cada escrevente era livre para escrever o quanto julgasse necessário. Assim, os enunciados coletados eram compostos por uma quantidade bastante variável de palavras. Novamente, tendo em vista a pressuposição de que quanto maior o número de palavras registradas, maior a probabilidade de emergirem rasuras em segmentação, essa variabilidade na quantidade de palavras poderia levar também a um resultado tendencioso, isto é, as propostas com mais palavras provavelmente teriam mais rasuras. Também nesse caso, a variável envolvida não seria *ano*, mas, sim, a quantidade de *palavras*.

Para lidar com a não homogeneidade do corpus e com os problemas que ela apresentava para esta pesquisa, optou-se pela adoção do Teste Estatístico Z. O Teste Z é utilizado para comparar duas proporções provenientes de amostras distintas, precisando, para tanto, que os dados de um determinado período sejam considerados referência, ou seja, parâmetro para comparação (Meyer, 2000). Os dados obtidos na pesquisa foram digitados em planilha do programa Microsoft Excel 2010 e analisados estatisticamente com o auxílio do *Software SAS 9.1*, que avalia os percentuais por meio do Teste Z, gerando tabelas pela comparação de proporções, estabelecendo-se um nível de significância de 5%, ou seja, foram consideradas significativas as associações cujo $p < 0,05$.

Os resultados encontrados por meio da aplicação do Teste Z, expressos em tabelas, serão explorados na análise dos resultados. Nessa ocasião, serão fornecidas, também, mais informações sobre o funcionamento desse teste.

2. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No presente estudo, foram identificadas, nos 1699 enunciados escritos que constituem o corpus desta pesquisa, **364** rasuras vinculadas, de diferentes formas, à segmentação. Essas rasuras estavam distribuídas da seguinte forma⁶:

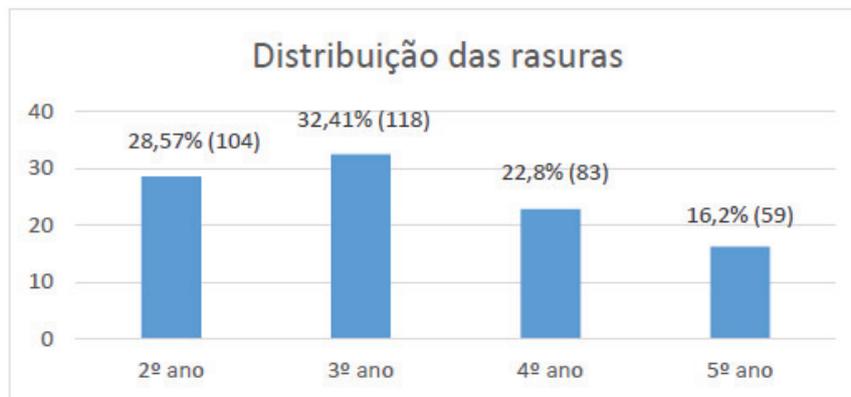


Gráfico 1: Distribuição das rasuras nos quatro anos de coleta

A partir dos dados absolutos e percentuais, verifica-se que, no 3º ano, ocorreram mais rasuras em segmentação, já que os resultados dessa série representam o percentual de 32,41% (118) de rasuras ligadas à segmentação, em oposição aos do 5º ano, em que foram identificadas 16,2% (59) de ocorrências. Outro destaque se deve ao fato de que, comparados os dados dos 2º e 3º anos, a quantidade de rasuras ligadas à segmentação não parece ser muito diferente, uma vez que foram identificados, respectivamente, os seguintes resultados: 28,57% (104) e 32,41% (118). Também, quando comparadas os dois primeiros anos (2º e 3º) em relação aos finais (4º e 5º), foi possível perceber uma tendência de maior quantidade de rasuras nas duas séries iniciais e de menor quantidade de rasuras nas séries finais, principalmente no 5º ano, sinalizando que, de fato, há uma mudança no tocante aos conflitos ligados à segmentação depois de concluídas os dois anos outrora iniciais do Ensino Fundamental I. Esses resultados dialogam com os de Capristano (2013), no qual 36,9% das rasuras ligadas à segmentação foram identificadas na 2ª série (atual 3º ano) e somente 11,1% na 4ª série (atual 5º ano).

Essa maior tendência de rasuras ligadas à segmentação nos dois anos iniciais e de menor nos dois anos finais, com destaque maior para o 5º ano (antiga 4ª série), embora relevante por permitir visualizar um panorama geral da distribuição das rasuras, pode parecer imprecisa, em virtude da heterogeneidade do *corpus* analisado nesta pesquisa que conta, ao longo dos anos de coleta, com um número diversificado de enunciados, os quais, muitas vezes, organizam-se com uma quantidade de palavras bastante heterogênea (enunciados com três palavras, enquanto outros com mais de 30 palavras, por exemplo). Diante dessa ponderação, considerou-se preciso, como antecipado, analisar se esses achados não seriam fruto da quantidade de enunciados (diferente entre os anos) ou da quantidade de palavras (bastante heterogênea entre os enunciados).

6. Daqui em diante, será utilizada a nomenclatura 2º, 3º, 4º e 5º ano para fazer referência aos quatro anos de coleta. No entanto, é necessário lembrar que, à época da coleta dos enunciados, ainda vigorava o sistema de séries – portanto, a nomenclatura 2º, 3º, 4º e 5º ano corresponderia às antigas 1ª, 2ª, 3ª e 4ª séries.

A fim de verificar essa possibilidade, aplicou-se, também conforme adiantado, o Teste Z (Software *SAS 9.1*)⁷, considerando, ao longo dos anos pesquisados, a quantidade de rasuras em segmentação em relação à quantidade de *enunciados* e de *palavras*. Com base nesses parâmetros, visava-se a responder ao seguinte problema: ao compararmos os valores estabelecidos em P1 (quantidade de rasuras) e P2 (quantidade de enunciados ou de palavras), as proporções de rasuras entre os anos pesquisados podem ser consideradas estatisticamente significativas ou obra do acaso?

As Tabelas 1 e 2 sintetizam a análise estatística feita por meio deste teste – respectivamente, da relação rasura/quantidade de enunciados e da relação rasura/quantidade de palavras⁸:

Ano	Série	Quantidade de rasura	Quantidade de enunciados	%	P			
2001	2°	104	451	23,1	Referência	0,5238	0,9466	0,0005* ¹
2002	3°	118	471	25,1	0,5238	Referência	0,5055	0,0001*
2003	4°	83	359	23,1	0,9466	0,5055	Referência	0,0011*
2004	5°	59	421	14,0	0,0005*	0,0001*	0,0011*	Referência

* Existe diferença pelo teste Z para comparação de proporções considerando nível de significância de 5%.

Tabela 1: Distribuição das rasuras em segmentação/número de enunciados.

Ano	Série	Quantidade de rasura	Quantidade de palavra	%	P			
2001	2°	104	16015	0,64	Referência	0,0009*	0,0001*	0,0001*
2002	3°	118	28728	0,41	0,0009*	Referência	0,0001*	0,0001*
2003	4°	83	27057	0,31	0,0001*	0,0001*	Referência	0,9999
2004	5°	59	36618	0,16	0,0001*	0,0001*	0,9999	Referência

* Existe diferença pelo teste Z para comparação de proporções considerando nível de significância de 5%.

Tabela 2: Distribuição das rasuras em segmentação/número de palavras.

7. Neste teste, foram analisados dois grupos: (1) Grupo A (P1): representa a quantidade de rasuras; e (2) Grupo B (P2): representa a quantidade de enunciados ou de palavras. Para a realização do teste, consideraram-se os dados obtidos em uma determinada série como ponto de referência, ou seja, padrão para a comparação. O nível de significância adotado foi, como mencionado anteriormente, de 5% ($p=0,05$) (margem de erro)

8. As informações da tabela gerada pelo Teste Z organizam-se da seguinte forma: nas cinco primeiras colunas são apresentados os dados coletados e exportados para o Software: ano de coleta, ano do ensino fundamental, quantidade de rasura, quantidade de texto e porcentagem (correlação quantidade de rasuras por texto, mediante cálculo de percentual simples). Na coluna denominada 'P' (probabilidade), são expressos os resultados da análise do programa. Para que esse resultado seja considerado significativo estatisticamente, ou seja, não ser atribuído a uma obra do acaso, mas, sim, a dados que apontam para diferenças (para mais ou para menos), o valor resultante de 'p' deve ser igual ou menor que 0,05. Os resultados significativos são expressos com um símbolo de asterisco, para diferenciá-los dos demais. Outra importante informação é que, uma vez considerado diferente, não há gradação na diferença, ou seja, embora possam existir inúmeros valores entre 0,05 e 0, todos são igualmente considerados dados significativos.

A Tabela 1 permite ver, de modo geral, que as porcentagens relativas à *quantidade de rasura*, em relação à *quantidade de enunciados*, são diferentes entre os anos pesquisados. Todavia, essa diferença só é significativa estatisticamente em relação ao ano de 2004, indiferente do ano considerado como referência. Logo, no ano de 2004, período no qual os escreventes cursavam o 5º ano, como nos achados anteriores, em termos de dados gerais, ocorre uma redução importante na quantidade de rasuras, que sinaliza uma mudança na relação sujeito-linguagem no tocante à segmentação dada a diminuição dos conflitos explicitados pela rasura.

Já nos resultados expressos na Tabela 2, é possível observar que, se o 2º e o 3º anos forem tomados como referência, todos os valores obtidos são estatisticamente significativos. Ou seja, existe diferença na correlação rasura e quantidade de palavras entre o 2º ano com relação aos subseqüentes e, também, entre o 3º e todos os outros anos. No entanto, se o 4º ano for tomado como referência, só há diferença estatisticamente significativa em relação ao 2º e ao 3º ano, mas não em relação ao 5º ano. O mesmo ocorre se o 5º ano for tomado como ponto de referência: só há diferença estatisticamente significativa em relação ao 2º e ao 3º ano, mas não em relação ao 4º ano. Ou seja, os dados obtidos nos 4ª e 5º anos são estatisticamente iguais.

Esses resultados levaram a indagar se não seria possível haver diferença estatisticamente significativa se considerados os dados em dois grandes blocos: dois anos iniciais e dois finais. Novamente, recorreu-se ao Teste Z e, por meio dele, foram obtidos os resultados expressos na Tabela 3:

Ano	Série	Quantidade de rasura	Quantidade de palavra	%	p
2001/2002	2º/3º	222	44743	0,5	0,0011*
2003/2004	4º/5º	142	63675	0,2	

* Existe diferença pelo teste Z para comparação de proporções considerando nível de significância de 5%

Tabela 3: Distribuição das rasuras em segmentação/número de palavras em bloco.

Conforme exposto na Tabela 3, quando comparada a *quantidade de rasuras* em relação à *quantidade de palavras*, reunindo os dados em blocos (2º e 3º X 4º e 5º), o Teste Z indicou diferença significativa entre os percentuais de rasuras/palavras, sinalizando que, realmente, nos dois anos iniciais, os conflitos explicitados pela rasura são mais recorrentes, em oposição aos dois anos finais (4º e 5º), momento no qual os conflitos diminuem, ratificando, portanto, a hipótese levantada quando da análise do Gráfico 1, ou seja, ocorre uma mudança importante em relação aos conflitos explicitados pela rasuras ligadas à segmentação na fronteira entre o 3º e o 4º ano, uma vez que esses conflitos são mais recorrentes nos anos iniciais (2º e 3º) e menos recorrentes nos finais (4º e 5º).

No cruzamento dos resultados apresentados nas Tabelas 2 e 3 – por um lado, inexistência de diferença significativa entre os percentuais de rasuras/palavras do 4º e do 5º ano, por outro, presença de diferença significativa entre a quantidade de rasuras/palavras dos 4º e 5º anos juntos em relação aos 2º e 3º anos –, a constatação da existência de uma mudança importante na representação da escrita da criança nos dois últimos anos pesquisados fica ainda mais evidente.

Na perspectiva teórica a qual se filia esta pesquisa, essa redução é entendida como um sinal da maior inserção da criança em práticas letradas (escolarizadas ou não), que afeta a representação do que seja

“escrita” para o escrevente (Capristano, 2007, 2013)⁹ e, conseqüentemente, também a representação do que seja “palavra”. Essa redução mostra, igualmente, uma aproximação do escrevente das formas canônicas de segmentar e, ao mesmo tempo, o abandono e/ou o esquecimento dos modos não convencionais de distribuir os espaços em branco que delimitam a palavra (orto)gráfica.

Não se pode deixar de mencionar, no entanto, que o fato de o 5º ano aparecer como o período com menor explicitação dos conflitos quanto à forma de segmentar também pode ter sido motivado pelas mudanças ocorridas nesse período em relação ao modo de escrever. Nesse período, um conjunto significativo de crianças passou a utilizar caneta e, com o uso desse recurso, para rasurar um enunciado escrito, as crianças precisariam recorrer ao corretivo (material pouco utilizado nos enunciados das crianças do nosso *corpus*) ou mesmo criar estratégias, como riscos sobrepostos, para indicar o cancelamento, resultando, visualmente, num “borrão”, normalmente avaliado de forma negativa pela escola. Ou seja, o uso da caneta imprime dificuldade para o rasuramento.

É possível supor que, por causa dessa mudança no modo de escrever e das dificuldades impostas por ele, as crianças passem a ficar divididas entre “borrar” o enunciado escrito, objetivando “refazer”, ou manter o enunciado escrito “limpo”. A segunda opção parece ser a mais desejada nas práticas letradas escolares, o que poderia fazer com que o enunciado escrito adquirisse, para algumas crianças, um caráter mais “definitivo”. Assim, embora ainda tendo conflitos sobre como segmentar, esses conflitos podem não ter sido mostrados pelas crianças em razão do desejo de preservar os enunciados que produzem “limpos”. Mesmo considerando esse elemento que pode ter mudado a relação da criança com os modos de explicitação de seus conflitos, o 5º ano ainda permanece como o momento de redução mais drástica dos conflitos sobre como segmentar.

Em síntese, com base nos resultados expressos no Gráfico 1, foi possível inferir que, numa análise global, sem levar em consideração a quantidade de enunciados e de palavras, as crianças parecem rasurar mais em momentos de segmentação no 3º ano e menos no 5º ano. Todavia, o refinamento da análise – sumarizado nas Tabelas 1, 2 e 3 – permitiu observar que, nos 2º e 3º ano, há um número maior de rasuras, no 4º ano, uma diminuição que sinaliza uma transição e, no 5º ano, uma estabilização, dada a redução mais drástica da quantidade de rasuras ligadas à segmentação, mesmo considerando as mudanças relativas às práticas de rasurar ocorridas nesse período.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como explicitado no início, a proposta deste artigo foi examinar, com base no arcabouço teórico-metodológico apresentado por Capristano (em especial, 2013) e Capristano e Chacon (2014), se existiriam diferenças na quantidade de rasuras – e, portanto, também na quantidade de conflitos – nos enunciados produzidos por diferentes crianças ao longo de quatro anos do Ensino Fundamental I, considerando as variáveis: ano, quantidade de enunciados e quantidade de palavras. Os dados levantados nesta pesquisa autorizam uma resposta afirmativa. Existem, de fato, diferenças significativas na quantidade de rasuras quando consideradas essas variáveis.

9. Todavia, como defende Capristano (2007), reconhece-se que esses conflitos podem nunca cessar por completo, apenas deixam de ser “denunciados” pelas rasuras, em virtude da captura da criança pela escrita em sua dimensão simbólica (Capristano, 2007, p. 80).

Essas diferenças licenciam a afirmação de que os 2º e 3º anos do Ensino Fundamental I (antigas 1ª e 2ª séries) são os momentos em que as crianças parecem ter maiores conflitos com a distribuição de espaços em branco que, na escrita, têm a finalidade de estabelecer as fronteiras da palavra (orto)gráfica. Em contrapartida, como já era possível esperar, o 5º ano (antiga 4ª série) mostra-se como o período da escolarização das crianças em que esses conflitos tendem a desaparecer, já que, nele, observa-se um reduzido número de conflitos ligados à segmentação. Um achado interessante desta pesquisa refere-se ao fato de os 2º e 3º anos do Ensino Fundamental I (antigas 1ª e 2ª séries) oporem-se, em termos de explicitação dos conflitos, aos 4º e 5º anos do Ensino Fundamental I (antigas 3ª e 4ª séries). Esse achado mostra a existência de uma oposição entre os dois primeiros anos e os dois últimos, oposição que parece equivaler a um momento de transição importante para os conflitos sobre como segmentar.

Portanto, a inserção das crianças em práticas letradas, em especial aquelas institucionalizadas pela escola, têm, sim, efeitos para os conflitos sobre como segmentar. A gradual participação das crianças nessas práticas faz com que elas aproximem-se cada vez mais das formas canônicas de segmentar e, ao mesmo tempo, abandonem e/ou esqueçam os modos não convencionais de distribuir os espaços em branco que delimitam a palavra (orto)gráfica.

Os resultados apresentados neste artigo não pretendem (nem poderiam!) esgotar a investigação das rasuras ligadas à segmentação. Como contribuição, abrem espaço para novas perguntas, dentre as quais, para nós, destaca-se a seguinte: considerando os resultados obtidos na pesquisa aqui apresentada, existiria diferença entre as rasuras produzidas nos 2º e 3º anos do Ensino Fundamental I (antigas 1ª e 2ª séries) quando comparadas com as identificadas nos 4º e 5º anos do Ensino Fundamental I (antigas 3ª e 4ª séries)? A resposta a essa pergunta poderia mostrar que não só existe alteração na *quantidade* de rasuras identificadas nos anos investigados, como também na *qualidade* dessas rasuras. Esta é uma das perguntas que pretendemos responder nos próximos trabalhos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abaurre, M. B. M. (1994). Índícios das primeiras operações de reelaboração nos textos infantis. *Estudos Linguísticos*. São Paulo, v. 1, 367-372.

Abaurre et. al. (1995). O caráter singular das operações de refacção nos textos representativos do início da aquisição escrita. *Anais do Seminário do Gel*, Ribeirão Preto, v. 1, 76-83.

_____. (1997). *Cenas de aquisição da escrita: o trabalho do sujeito com o texto*. Campinas: Mercado de letras, 200 p.

Cagliari, L.(2002). C. *Alfabetização e linguística*. Campinas: Scipione, 191 p.

Calil, E. (1997). A topologia do sujeito na rasura. *Revista Veredas*, v. 7, 83-92.

_____. (1998). A criança e a rasura na prática de textualização de história inventada. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 33, n. 2, 13-21.

- _____. (1999). História inventada: relações entre (im)previsível e rasura. *Manuscrita*, v. 8, 209-220.
- _____. (2004). *Autoria: a criança e a escrita de histórias inventadas*. Londrina: Eduel, 200 p.
- _____. (2007) *Trilhas da Escrita: autoria leitura e ensino*. São Paulo: Cortez Editora, 100-110.
- _____. (2012). Rasuras orais em Madrasta e as duas irmãs: processo de escritura de uma díade recém-alfabetizada. *Educação e Pesquisa*, v. 38, n. 3, 589-602.
- Calil, E.; Felipeto, S. C. (2000). Rasuras e operações metalinguísticas: problematizações e avanços teóricos. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 39, 95-110.
- _____; _____. (2001). Entre o oral e o escrito: as posições de sujeito nas rasuras. *Letras Hoje*, v. 36, n. 125, 347-353.
- _____; _____. (2008). A singularidade do erro ortográfico nas manifestações d'alíngua. *Estilos de Clínica*, v. 13, n. 25, 118-137.
- Capristano, C. C. (2007). *Mudanças na trajetória da criança em direção à palavra escrita*. 2007. 263 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada), Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- _____. (2010). Notas sobre o papel das reelaborações no processo de aquisição da escrita: vínculos entre práticas letradas e orais. In: III Colóquio Internacional sobre Letramento e Cultura Escrita, 2010, Belo Horizonte. *Anais do III Colóquio Internacional sobre letramento e cultura escrita*, .
- _____. (2013). Um entre outros: a emergência da rasura n o processo de aquisição da escrita. *Revista Linguagem em (Dis)curso*, v. 13, n. 3, 667-694.
- _____. Chacon, L. (2014). Relações metafóricas e metonímicas: notas sobre a “aquisição” da noção de palavra. In: Tfouni, L. V.; Toneto, D. J. (Org.) *O (In)esperado de Jakobson*. Campinas: Mercado de Letras, prelo.
- Corrêa, M. L. G. (2001). Letramento e heterogeneidade da escrita no ensino de Português. In: Signorini, I (Org.). *Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento*. Campinas: Mercado de Letras, 135-166.
- _____. (2004). *O modo heterogêneo de constituição da escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 309 p.
- Felipeto, S. (2008a). *Rasura e equívoco no processo de escritura em sala de aula*. Londrina: EDUEL, 156 p.
- _____. (2008b). Sobre os mecanismos linguísticos subjacentes ao gesto de rasurar. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 50, n. 1, 91-101.

Fiad, R. (2013). Indices de la présence de l'auteur dans des textes écrits par des enfants: marques de meta-énonciation. In: Boré, C.; Calil, E.. (Org.). *L'école, l'écriture et la création*. 1.ed. Paris: Ed. Bruylant-Academia, v. 1, 251-268.

Fiad, R.; Barros, J. S. (2003). O papel da intercalação na reescrita. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 3, n. 1, 9-23.

Machado, T. H. S. (2014). *Rasuras ligadas à segmentação de palavras na escrita infantil*. 2014. 112 f. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Estadual de Maringá.

Mayrink-Sabinson, M. L. T. (1997). (Re)escrevendo: momentos iniciais. In: ABAURRE et. al. *Cenas de aquisição da escrita: o trabalho do sujeito com o texto*. Campinas: Mercado de Letras, 53-59.

Meyer, P. L. (2000). *Probabilidade: aplicações à estatística*. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 125 p.

Serra, M. P. (2007). *Segmentação das palavras: prosódia e convenções ortográficas na reelaboração da escrita infantil*. 2007. 102 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto.

_____; Tenani, L.; Chacon, L. (2006). Reelaboração da segmentação: um olhar para a escrita infantil. *Estudos Linguísticos XXXV*, 1247-1254.

Recebido em: 10/04/2015
Aceito em: 15/06/2015